



O ENSINO QUE NÃO TEMOS

Declaro que se Zaratu-
ra decidisse de novo des-
cer das alturas das suas
montanhas rumo às costas
atlânticas de Portugal, teria
de percorrer distâncias in-
findáveis para encontrar
um potencial discípulo.

Num país que se quer
actual, há que mudar de
estrada para a torre infinita.
A repetição inoscente não
pode fazer parte do nosso
vocabulário se queremos
ser marinheiros das lumi-
niscientes águas e conviver
com a transformação.

Em princípio, o local des-
sa transformação deveria
ser, como a lógica o supõe,
nos edifícios de aprendiza-

gem, sobretudo naqueles
que se dizem «superi-
ores».

Chamam-lhes «Universi-
dades». Ingenosamente
sorridentes, estúpidas e de-
cadentes, albergam quem
as pulsa, como se de uma
bela maçã se tratasse,
onde legatos pávidos es-
peram a morte sem sequer
o imaginarem.

Vamos penetrar na at-
mosfera da Universidade...
O nome sugere altas pen-
samentos - a universali-
dade, o cosmos, o «corde
ekai» das ideias, o êxtase
da descoberta do desco-
nhcido... Ai devíamos en-
contrar dançarinas da cria-
ção, Homens que crescem
sem na sua liberdade, no
prazer do conhecimento
construído e no movimento
da sua lâmina cerebral. E
no entanto o que vemos?
Um verdadeiro rebanho
que padece todos os dias

que o sol nasce e onde as
teias de aranha sisstram.
Um rebanho com seus
pastores cujo diagnóstico
quase comum é amor do
próximo e ódio do distante.
Mas o perigo paira, os
machos piam longe, cada
vez mais longe e os edifi-
cios desoem sempre que o
sol se põe - já não supor-
tam mais o peso dos mos-
quitos que vivem do san-
gue uma dos outros.

Da mesma forma que
um barco não navega se
não for bem construído,
também Portugal não na-
vegara se não possuir
bons construtores nos
seus postos tutorais. E isso
verifica-se em muitas
áreas do nosso velho «rei-
no da estupidez». O ensino
é uma delas.

É tempo de negar, de
manchar de negro os espa-
ços vazios para os cobrir e
encher de luz cerebral e de
ideias materializadas e no-
vas. Basta de circuitos
ideológicos (com «a» mini-
culo) ultrapassados, de
discursos redondos e «sá-
bios lustras» castrados.

O ensino em Portugal
entrou num círculo vicioso

do qual só sairá com uma
remodelação total dos es-
quemas mentais e culturais
dos actuais hábitos peda-
gógicos. Basta de demaga-
gia imbecil e de certifi-
cados assimilados sem
intensidade cristiva por
parte do aluno-receptor
que será mais tarde o por-
tador da «doença» que
corrói os espíritos e que dá
pelo nome de «inacção».

As matérias leccionadas
devem instigar à criação
pessoal do aluno para que
este aprenda a existir
como cérebro atento e pro-
dutivo e não como repoi-
tório daquilo que outros já
dizaram. Além disso as
entidades que estão de
posse dos materiais finan-
ceiros, não promovem com
a devida eficácia a investi-
gação científica e a energia
tínica de muitos homeni-
os está, por hábito insti-
tuído, também não se esfor-
çam por ser sem limites:
daí podermos simplis-
mente olhar para os in-
telectuais universitários
para vermos que ali não há
dinâmica nem construção
- um pântano que rari-
mente progride: pastores e

rebanhos que, salvo raras
excepções, se confundem
no eterno silêncio e apá-
tico assimilação herbívora.

Os pastores divergem do
rebanho pelo estatuto só-
cio-cultural mas não es-
quecemos que foram sus-
cumbidos. São burgueses
consumados, consciencia-
mente sentados no seu
«dólos jubilo». Seflam, tre-
pam, sentam em esgar en-
quanto adoram ídolos em
seus antigos pastores. De-
pois, quando se julgam su-
ficientemente gordos de
cultura, consuetos e fáceis
de manejar, com uma cor
de pélo aparentada ou
neutra, fazem-nos pas-
tores do «magnum» edifi-
cio universitário.

Extraordinariamente
cientes do seu «status
quo», anexam por vomitar
as doutrinas que engoliram
e tão bem mastigaram e
glorificaram, oferecê-los
de presente ao seu «beio-
rebanho» que, natural-
mente, os saborea com
tédio.

É claro que existem as
honrosas excepções que
vão mantendo a centelha
da Terra seca e quente.

homens que na verdade
são mestres e professores
e que indicam o caminho
para o alto e para a subida
da escarpa. Esses são luz
e não escuridão.

A lógica formal leva à ló-
gica dialéctica. Queremos
novas práticas para novos
fenómenos originaes e prá-
ticados sem ideologias
baratas - os nanúteres não
enganam.

Quando o sangue jorrar
dos vossos cérebros então
vinde ter connosco asse-
sinando com palavras os
vossos inimigos. Mas por
agora deixai os homens
criar e os verdadeiros
raios de sol ensinar. O vos-
so juízo de hierarquia não
seduz. Deixem o vosso
espírito morrer num cen-
tário solitário e aprendam a
conviver com o diabolico!
Portugal não precisa de
homens com cérebro me-
dido a fita métrica mas sim
de inteligibilidade: comece-
mos a praticá-la com ur-
gência nas Universidades!

Queremos ártiros e
águlas basta de duendes e
cadáveres!

Fátima Dias
- Porto

Activid. socio culturais
Escola sup. jornalismo